

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Empreendedorismo feminino na Favela da Rocinha: trajetórias, trabalho e estratégias de sobrevivência durante a pandemia da COVID-19

Tejane Lopes da Silva

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17681>

Submetido em: 2026-09-02

Postado em: 2026-09-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

EMPREENDEDORISMO FEMININO NA FAVELA DA ROCINHA: TRAJETÓRIAS, TRABALHO E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19.

TEJANE LOPES DA SILVA

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6321-3003>

<tejanelopes@gmail.com>

IUPERJ/UCAM. Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

RESUMO: A pandemia da COVID-19 aprofundou desigualdades sociais e econômicas, afetando de forma significativa mulheres empreendedoras residentes em territórios periféricos. Neste contexto, a pesquisa busca compreender como mulheres empreendedoras da Favela da Rocinha enfrentaram os impactos econômicos, sociais e subjetivos provocados pela pandemia, analisando as estratégias adotadas para a manutenção de seus negócios e a sobrevivência de suas famílias. Busca-se ainda investigar o papel das redes comunitárias de apoio, das relações de solidariedade e das características comportamentais empreendedoras na construção de alternativas frente ao cenário de crise. A questão que orienta o estudo é: como mulheres empreendedoras da Rocinha mobilizaram recursos individuais e coletivos para enfrentar os efeitos da pandemia da COVID-19 e garantir a continuidade de suas atividades econômicas? A pesquisa adota abordagem qualitativa, por meio de estudo de caso e entrevistas semiestruturadas realizadas com oito mulheres empreendedoras da Rocinha, analisadas a partir da análise de conteúdo. Os resultados indicam que o empreendedorismo assumiu predominantemente caráter de estratégia de sobrevivência econômica, articulando geração de renda, capacidade de adaptação, autonomia e mobilização de redes familiares e comunitárias. As experiências analisadas evidenciam, contudo, que essa autonomia é parcial e condicionada por desigualdades de gênero, raça, classe e território, permitindo problematizar as relações entre agência individual, precarização do trabalho e racionalidade neoliberal.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino, trabalho, desigualdades de gênero, favela da Rocinha, COVID-19.

FEMALE ENTREPRENEURSHIP IN THE ROCINHA FAVELA: TRAJECTORIES, WORK, AND SURVIVAL STRATEGIES DURING THE COVID-19 PANDEMIC.

ABSTRACT: The COVID-19 pandemic deepened social and economic inequalities, significantly affecting women entrepreneurs living in peripheral territories. In this context, this study seeks to understand how women entrepreneurs from Rocinha Favela faced the economic, social, and subjective impacts of the pandemic, analyzing the strategies they adopted to maintain their businesses and support their families' livelihoods. It also investigates the role of community support networks, solidarity relations, and entrepreneurial behavioral characteristics in developing alternatives in response to the crisis. The study is guided by the following question: how did women entrepreneurs from Rocinha mobilize individual and collective resources to address the effects of the COVID-19 pandemic and ensure the continuity of their economic activities? The research adopts a qualitative approach, using a case study and semi-structured interviews with eight women entrepreneurs from Rocinha, analyzed through content analysis. The results indicate that

entrepreneurship predominantly functioned as an economic survival strategy, combining income generation, adaptability, autonomy, and the mobilization of family and community networks. The experiences analyzed nevertheless show that this autonomy is partial and conditioned by gender, race, class, and territorial inequalities, making it possible to problematize the relationships among individual agency, labor precarization, and neoliberal rationality.

Keywords: female entrepreneurship, work, Gender inequalities, Rocinha favela, COVID-19.

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo feminino tem ganhado relevância como forma de inserção das mulheres no mundo do trabalho e de geração de renda. Entretanto, as trajetórias empreendedoras são atravessadas por desigualdades de gênero que se expressam nas condições de trabalho, remuneração e acesso a oportunidades. Nesse contexto, empreender pode representar tanto uma possibilidade de autonomia econômica quanto uma alternativa diante das restrições do mercado de trabalho.

Dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2019) evidenciam a expressiva participação das mulheres no empreendedorismo brasileiro, que correspondiam a 43,5% dos empreendedores estabelecidos no país. Essa participação, contudo, não se traduz em condições iguais de inserção e permanência nas atividades econômicas. As mulheres continuam submetidas a desigualdades de gênero, à sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidado e a restrições no acesso a recursos econômicos, fatores que condicionam suas trajetórias e possibilidades de autonomia..

A pandemia da COVID-19 aprofundou essas desigualdades e afetou especialmente pequenos negócios. Estudo realizado pela Fundação Getulio Vargas (FGV), em parceria com o SEBRAE, aponta que 52% das micro e pequenas empresas lideradas por mulheres tiveram suas atividades paralisadas temporária ou definitivamente durante a pandemia da COVID-19, em comparação a 47% dos empreendimentos liderados por homens no mesmo segmento (SEBRAE, 2020).

Nos territórios de favela, os efeitos da crise combinaram-se a desigualdades socioeconômicas preexistentes, mas também a redes de sociabilidade, solidariedade e organização comunitária. A diversificação de produtos e serviços e o uso de novas estratégias de comercialização apareceram como alternativas para a continuidade das atividades econômicas (EXAME, 2021).

É nesse contexto que a Favela da Rocinha constitui o campo empírico deste estudo. O território é compreendido não apenas como espaço físico dos empreendimentos, mas como dimensão das relações sociais que atravessam as trajetórias das mulheres. Redes familiares, comunitárias e institucionais, relações de proximidade e recursos sociais disponíveis no território participaram da construção das estratégias mobilizadas durante a crise.

Este artigo analisa as trajetórias de oito mulheres empreendedoras da Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, durante a pandemia da COVID-19. O objetivo é compreender os impactos da crise sobre suas atividades produtivas e condições de vida, bem como identificar as estratégias mobilizadas para enfrentar as dificuldades econômicas e relacionadas ao trabalho. A questão que orienta o estudo é: como as mulheres empreendedoras da Favela da Rocinha enfrentaram os impactos da pandemia da COVID-19 e quais estratégias mobilizaram para garantir a continuidade de suas atividades e sua sobrevivência econômica?

Parte-se do pressuposto analítico de que a capacidade de adaptação e resistência das entrevistadas não pode ser explicada exclusivamente por características individuais ou por um suposto “espírito empreendedor”. A continuidade de suas atividades esteve também relacionada à mobilização de redes familiares, comunitárias e institucionais, às formas de capital social e às relações de solidariedade construídas no território, que contribuíram para ampliar o acesso a informações, apoio e oportunidades.

Ao investigar essas experiências, o estudo busca contribuir para o debate sobre gênero, desigualdades sociais, território e empreendedorismo em contextos de crise, evidenciando como as mulheres mobilizaram recursos individuais e coletivos para construir estratégias de sobrevivência e ampliar suas possibilidades de ação.

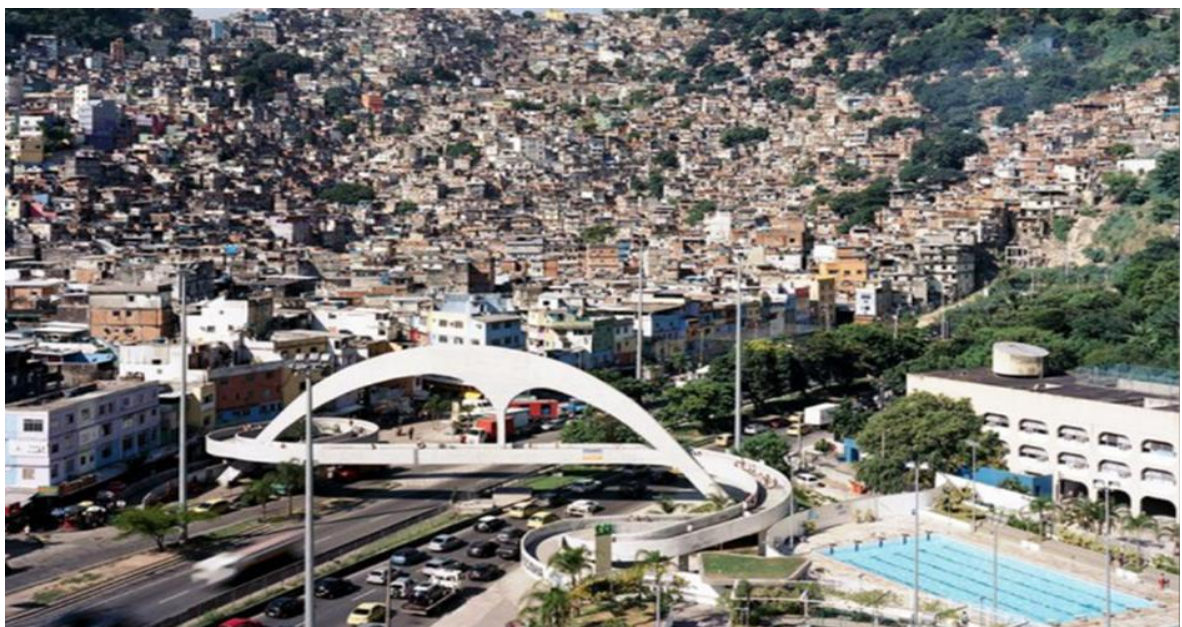
O argumento desenvolvido é que o empreendedorismo feminino na Favela da Rocinha, durante a pandemia, configurou-se predominantemente como estratégia de trabalho, geração de renda e sobrevivência, mas também como espaço de autonomia e agência. A experiência das entrevistadas permite, assim, problematizar uma concepção do empreendedorismo baseada exclusivamente na iniciativa individual. A capacidade de inovação e adaptação observada entre as participantes ocorreu em um contexto marcado pela desigualdade estrutural e pela urgência da sobrevivência cotidiana.

A pesquisa adota abordagem qualitativa e estratégia de estudo de caso, com entrevistas semiestruturadas realizadas com oito mulheres empreendedoras da Rocinha. As narrativas foram analisadas por meio de análise de conteúdo, buscando identificar recorrências relacionadas às trajetórias empreendedoras, aos impactos da pandemia, às estratégias de adaptação, às redes de apoio e à sobrevivência econômica.

1. ROCINHA, TERRITÓRIO E CAMINHO METODOLÓGICO

A Favela da Rocinha, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, constituiu o campo empírico desta pesquisa. Situada entre os bairros da Gávea e de São Conrado, integra um território marcado por processos históricos de desigualdade urbana. Sua formação acompanha o processo de expansão urbana da cidade e as limitações das políticas habitacionais destinadas às populações de baixa renda. A escolha do território esteve relacionada ao interesse em compreender as experiências de mulheres empreendedoras em um contexto marcado por desigualdades sociais e econômicas, mas também por redes de sociabilidade, iniciativas comunitárias e diferentes formas de geração de renda.

Figura 1: Favela da Rocinha.



Fonte: Voz das Comunidades (2021).

A construção do campo ocorreu de forma gradual, a partir de redes de contato estabelecidas pela pesquisadora em razão de sua atuação prévia em atividades e projetos sociais. O acesso às participantes foi viabilizado por meio de interlocutoras vinculadas ao território, que possibilitaram a aproximação com mulheres que desenvolviam atividades empreendedoras na Rocinha. A partir dessas aproximações, foram identificadas e selecionadas as participantes que atendiam aos critérios definidos para a pesquisa, possibilitando a realização das entrevistas.

Esse percurso evidencia que a entrada no campo foi construída por meio de relações sociais e redes de confiança, fundamental para a aproximação com as interlocutoras e para o desenvolvimento das entrevistas. O trabalho de campo incluiu uma etapa exploratória destinada ao conhecimento do território, de seus estabelecimentos comerciais, da estrutura de serviços públicos e das empreendedoras locais.

Em seguida, foram realizadas visitas às participantes para conhecer suas atividades e estabelecer os contatos necessários à pesquisa. O percurso incluiu ainda a participação em um encontro de “mentoradas” de um programa de empreendedorismo desenvolvido em parceria entre o SEBRAE e um coletivo de empreendedoras da comunidade, além de contatos posteriores para complementação das informações.

A investigação adotou abordagem qualitativa e teve como estratégia metodológica o estudo de caso, voltado à análise das experiências de mulheres empreendedoras da Favela da Rocinha, no município do Rio de Janeiro, durante a pandemia da COVID-19. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito mulheres empreendedoras, buscando compreender suas trajetórias pessoais e profissionais, sua inserção no empreendedorismo, as características de seus empreendimentos, os impactos da pandemia e as estratégias mobilizadas para enfrentar as dificuldades decorrentes da crise. A abordagem qualitativa possibilita compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências (MINAYO, 2014), enquanto o estudo de caso permite uma análise aprofundada de fenômenos contemporâneos inseridos em contextos sociais complexos (YIN, 2015).

O roteiro de entrevistas foi estruturado em blocos temáticos, permitindo explorar diferentes dimensões das experiências relatadas pelas participantes. As questões abordaram aspectos relacionados à organização do trabalho, às mudanças vivenciadas ao longo do período investigado, às formas de enfrentamento das dificuldades e aos recursos acionados diante das circunstâncias adversas. Essa organização possibilitou identificar elementos recorrentes nas narrativas e estabelecer

relações entre as experiências individuais e as condições sociais nas quais as atividades eram desenvolvidas. O quadro a seguir sintetiza os temas que orientaram o roteiro de entrevista:

Tabela 1: Temas que direcionaram a entrevista

TEMAS	PRINCIPAIS ABORDAGENS
Trajetória Empreendedora	● Motivos que as levaram a empreender; ● Fatores que proporcionaram a escolha da atividade.
Desafios do Gênero	● Situação em que se sentiu discriminada por ser mulher; ● Dificuldades encontradas em conciliar família, casa e trabalho.
Perfil Empreendedor	● Área da atividade empreendedora; ● Desafios encontrados na atividade.
Impactos da Pandemia	● Reflexos econômicos; ● Mudanças ocorridas no cotidiano.
Estratégias Utilizadas	● Medidas adotadas; ● E os caminhos percorridos.

Fonte: Elaborado pela autora a partir do questionário das entrevistadas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com preservação da identidade das participantes mediante o uso de nomes fictícios. Os relatos foram submetidos à análise de conteúdo, permitindo identificar categorias relacionadas às desigualdades estruturais, às redes comunitárias de apoio, ao capital social, às estratégias de sobrevivência econômica e aos impactos da pandemia.

A análise foi articulada ao levantamento bibliográfico sobre empreendedorismo feminino, gênero, trabalho, desigualdades sociais e pandemia, estabelecendo o diálogo entre as experiências das participantes e as contribuições dos estudos feministas, da sociologia e das teorias do empreendedorismo.

2. EMPREENDEDORISMO FEMININO, TRABALHO E DESIGUALDADES

O empreendedorismo feminino tem sido apresentado como uma importante possibilidade de inserção das mulheres no mundo do trabalho, geração de renda e construção de autonomia econômica. Entretanto, a experiência empreendedora não ocorre de forma homogênea e está inserida em relações sociais marcadas por desigualdades de gênero, raça e classe.

Nesse sentido, compreender o empreendedorismo feminino exige considerar não apenas as características individuais das empreendedoras, mas também as condições sociais e econômicas nas quais suas atividades são desenvolvidas.

Estudos sobre empreendedorismo destacam diferentes dimensões associadas à iniciativa empreendedora, como inovação, identificação de oportunidades, capacidade de assumir riscos e criação de novos negócios. Na perspectiva de McClelland (1972), determinadas características comportamentais podem estar relacionadas ao comportamento empreendedor, enquanto Schumpeter (1985) associa o empreendedor à inovação e à capacidade de transformar formas de produção e circulação de bens e serviços.

Essas abordagens contribuem para compreender dimensões importantes da ação empreendedora, mas, quando consideradas isoladamente, podem deslocar a análise para atributos individuais e deixar em segundo plano as condições sociais que possibilitam ou limitam o empreendedorismo.

No caso das mulheres, essa discussão precisa ser articulada às desigualdades presentes no mundo do trabalho. A inserção feminina em atividades remuneradas historicamente convive com a permanência das responsabilidades relacionadas ao trabalho doméstico e ao cuidado. Conforme discutem Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho estabelece uma separação entre trabalho produtivo e reprodutivo e, simultaneamente, produz uma hierarquização que atribui maior valor social e econômico às atividades associadas aos homens.

Dessa forma, mesmo quando as mulheres ingressam em atividades remuneradas ou desenvolvem seus próprios empreendimentos, não necessariamente deixam de assumir as responsabilidades domésticas e familiares.

Essa sobreposição aparece de maneira particularmente relevante quando se observa o empreendedorismo feminino em contextos periféricos. A pesquisa aponta que as mulheres entrevistadas se apresentaram como principais responsáveis pelo cuidado da casa, dos filhos e da família, mesmo quando estavam inseridas em atividades empreendedoras, produzindo uma sobreposição de jornadas. Nesse sentido, o empreendedorismo não significa necessariamente a substituição do trabalho doméstico pelo trabalho remunerado, mas pode resultar na acumulação dessas diferentes formas de trabalho. Essa condição é discutida na literatura feminista do trabalho, especialmente a partir de Federici (2017) e Hirata (2007).

Antunes (2018) e Standing (2014) apontam para transformações contemporâneas relacionadas à flexibilização das relações de trabalho, à informalidade e à instabilidade, produzindo condições marcadas pela insegurança e pela erosão de direitos sociais. Na realidade brasileira, essas condições se articulam às desigualdades históricas de classe e raça e assumem características particulares nos territórios periféricos.

Nesse cenário, o empreendedorismo pode adquirir significados distintos, pode representar uma possibilidade de autonomia, geração de renda e criação de alternativas diante das restrições encontradas no mercado formal, como também, pode constituir uma resposta à precarização e à dificuldade de acesso a empregos estáveis e protegidos. No presente estudo, é possível identificar que em contextos periféricos, o empreendedorismo aparece menos como uma escolha inteiramente livre e mais como uma alternativa diante da exclusão do mercado formal de trabalho.

O ato de empreender pode produzir experiências de autonomia e protagonismo, mas também pode estar relacionado à necessidade de garantir a sobrevivência econômica. Por isso, a análise das trajetórias das mulheres pesquisadas não parte da ideia de que o empreendedorismo, por si só, rompe com as desigualdades. Busca-se, antes, compreender como essas mulheres constroem suas atividades em condições sociais específicas e como essas circunstâncias ampliam ou restringem suas possibilidades de ação.

As desigualdades também se manifestam nas condições materiais para empreender. A dificuldade de acesso a crédito, a informalidade, a instabilidade da renda e a insuficiência de proteção social podem se somar a barreiras simbólicas relacionadas à desvalorização do trabalho feminino. Bourdieu (2002) contribui para compreender que essas barreiras não se restringem à dimensão econômica, envolvendo também formas de dominação simbólica que podem limitar o reconhecimento e a legitimidade das mulheres em diferentes espaços e atividades.

3. PERFIL DAS ENTREVISTADAS E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

O universo empírico da pesquisa é composto por oito mulheres empreendedoras residentes na Favela da Rocinha, que apresentam trajetórias distintas quanto ao estado civil, escolaridade, composição familiar, condições de moradia, formalização das atividades e segmentos de atuação.

Tabela 2: Perfil das entrevistadas

ENTREVISTA DA	ESTADO CIVIL	COR	RELIGIÃO	GRAU DE INSTRUÇÃO	FILHOS	MORADIA	REGISTRO	ATIVIDADE	RENDA MÉDIA	RECEBE ALGUM AUXÍLIO
Hortência	Divorciada	Parda	Católica	Ensino médio completo	0	Própria	MEI	Guia turística, promotora de eventos e influenciadora digital.	De 1 a 3 salários mínimos	Não recebe
Dália	Casada	Preta	Católica	Ensino superior completo	1	Própria	MEI	Festa, buffet, produção e decoração de eventos.	De 3 a 5 salários mínimos	Não recebe
Margarida	Solteira	Preta	Não tem	Ensino médio completo	1	Própria	MEI	Bar, eventos e presentes personalizados.	De 1 a 3 salários mínimos	Não recebe
Violeta	Solteira	Preta	Evangélica	Ensino fundamental incompleto	2	Própria	Não tem	Doces, salgados e congelados.	1 salário mínimo	Auxílio Emergencial
Rosa	Solteira	Parda	Kardecista	Ensino médio completo	1	Alugada	Não tem	Salão de beleza	De 1 a 3 salários mínimos	Pensão do filho.
Azaléia	Casada	Parda	Não tem	Ensino médio incompleto	2	Alugada	Não tem	Salão de beleza, lingerie e joias.	De 1 a 3 salários mínimos	Não recebe
Orquidea	Divorciada	Parda	Não tem	Ensino médio completo	3	Própria	Não tem	Salão de beleza	De 1 a 3 salários mínimos	Bolsa família.
Camélia	Solteira	Preta	Candomblé	Ensino médio completo	2	Da família	MEI	Buffet, festas e quentinhas	De 1 a 3 salários mínimos	Não recebe

Fonte: Extraído do questionário das entrevistadas (2021).

A caracterização das participantes conforme mostra acima, evidencia a heterogeneidade das experiências analisadas. Com experiências diversificadas de inserção no empreendedorismo,

atravessadas por elementos comuns relacionados à geração de renda, autonomia e responsabilidades familiares, as participantes atuavam em segmentos como turismo, eventos, alimentação e beleza, com diferentes experiências educacionais e condições socioeconômicas. Apesar dessas diferenças, os relatos abaixo, mostram que empreender assumia significados que ultrapassavam a dimensão estritamente econômica:

Q Tabela 3: Estratégias das entrevistadas na pandemia da COVID-19.

Entrevistada	Significado de ser mulher empreendedora	Estratégias adotadas durante a pandemia
Hortência	“Tem que ser forte e, às vezes, mãezona.”	Qualificação profissional, atuação em projetos comunitários e diversificação de renda.
Dália	“É ser independente e criativa.”	Adaptação dos serviços de eventos e comercialização de kits para festas.
Margarida	“É símbolo de força.”	Investimento em equipamentos, ampliação da produção e diversificação dos negócios.
Violeta	“Você pode ser o que quiser, mas faltam recursos.”	Produção de alimentos, entregas por aplicativos e participação em mentorias.
Rosa	“Tem que ser guerreira, comprometida e persistente.”	Qualificação profissional e abertura de empreendimento próprio na área da beleza.
Azaléia	“Tem que ter boa vontade, conhecimento e relacionamento.”	Vendas on-line e diversificação das fontes de renda.
Orquidea	“Tem que ter força e vontade de vencer.”	Cursos de qualificação, inovação nos serviços e ações voluntárias.
Camélia	“Tem que ser empoderada e motivada.”	Mobilização de redes solidárias, produção de alimentos e empreendedorismo comunitário.

Fonte: Extraído da pesquisa com as entrevistadas (2021).

As entrevistadas associaram o empreendedorismo a valores como força, independência, criatividade, persistência, conhecimento, relacionamento e empoderamento. Em suas trajetórias, a busca por autonomia econômica e a participação no sustento familiar articulam-se a desafios

relacionados às condições de trabalho e ao acesso a recursos econômicos, aspectos que ganharam maior relevância no contexto da pandemia da COVID-19. Essas narrativas permitem compreender o empreendedorismo feminino na Rocinha como um fenômeno situado entre desigualdades estruturais e formas de agência, no qual as mulheres construíram estratégias de resistência, adaptação e reinvenção diante das adversidades.

4. REDES DE APOIO, SOLIDARIEDADE E ESTRATÉGIAS DIGITAIS

As estratégias identificadas incluíram diversificação das atividades, uso de ferramentas digitais, delivery, qualificação profissional e mobilização de redes de apoio. WhatsApp, Instagram e Facebook foram utilizados para comunicação com clientes e comercialização de produtos e serviços. Também apareceram adaptações nos serviços, vendas on-line e diversificação das fontes de renda:

Estratégia	→	Evidências nas entrevistas
Diversificação	→	Novos produtos e serviços
Digitalização	→	WhatsApp, Instagram e Facebook
Delivery	→	Adaptação da comercialização
Qualificação	→	Cursos, mentorias e capacitação
Redes de apoio	→	Família, vizinhos, amigos e organizações
Solidariedade	→	Apoio comunitário e ações coletivas

A capacidade de adaptação, contudo, não pode ser compreendida exclusivamente como atributo individual. Embora as entrevistadas tenham mobilizado criatividade, iniciativa e persistência, a continuidade dos negócios esteve relacionada à combinação entre experiência acumulada, redes de apoio, solidariedade comunitária e recursos disponíveis no território. As redes de apoio constituíram recurso importante nesse processo. Familiares, amigos, vizinhos, organizações sociais, grupos

religiosos e coletivos locais forneceram diferentes formas de apoio material, informacional e emocional. As entrevistadas recorreram a essas redes para divulgar produtos e serviços, ampliar a clientela e acessar oportunidades de capacitação e parceria.

Essa dinâmica pode ser compreendida a partir da noção de capital social de Bourdieu (1986), segundo a qual recursos podem estar relacionados às relações sociais mobilizadas pelos indivíduos. De forma complementar, Granovetter (1973) destaca a importância das conexões sociais para ampliar o acesso a informações e oportunidades. No contexto pesquisado, essas relações contribuíram para a manutenção dos empreendimentos e para a construção de estratégias de enfrentamento da crise.

A dimensão coletiva também aparece nas ações de solidariedade desenvolvidas no território. Campanhas de arrecadação, distribuição de alimentos, divulgação de pequenos negócios e apoio mútuo constituíram formas de enfrentamento presentes durante a pandemia. A resistência econômica, portanto, não foi construída exclusivamente no plano individual, mas esteve relacionada a processos de cooperação e fortalecimento comunitário.

A pandemia tornou essa tensão mais visível. A queda da renda e a interrupção de atividades exigiram reorganização dos negócios, diversificação de produtos e serviços e uso de novos canais de venda. As estratégias digitais e de delivery, por exemplo, não foram apenas recursos técnicos: tornaram-se meios de preservação do trabalho e de reconstrução das relações com os clientes.

As redes comunitárias constituíram outro componente do trabalho e da sobrevivência. Relações de confiança, solidariedade e cooperação ajudaram a divulgar produtos, acessar oportunidades, obter apoio e construir parcerias. A experiência de Camélia é especialmente significativa: durante a pandemia, ela utilizou parte de seu benefício para comprar alimentos e preparar sopas para moradores em situação de vulnerabilidade. A divulgação dessas ações nas redes sociais aproximou-a de colaboradores de projetos sociais e empresários locais, que passaram a contribuir com doações; posteriormente, a produção de alimentos e os kits comercializados contribuíram para a construção de sua atividade empreendedora.

O caso de Camélia evidencia que solidariedade e trabalho econômico não constituíram dimensões necessariamente separadas. A ação comunitária favoreceu a formação de redes, reconhecimento e oportunidades que posteriormente se relacionaram à atividade econômica. O empreendedorismo, nesse caso, aparece associado à dinâmica social do território.

5. ENTRE A AUTONOMIA E A SOBREVIVÊNCIA

A análise dos dados permite aprofundar uma questão central: em que medida o empreendedorismo pode ser compreendido como trabalho quando se desenvolve em um contexto de necessidade, informalidade e baixa proteção social? As trajetórias das entrevistadas mostram que empreender envolvia produção, comercialização, organização, qualificação e geração de renda, mas também exigia a administração cotidiana de riscos e incertezas.

Para as mulheres investigadas, a atividade empreendedora não se restringia à identificação de oportunidades de mercado. Ela estava relacionada à necessidade de produzir renda e, em diversos casos, contribuir para a subsistência familiar. Ao mesmo tempo, as narrativas não se resumem à necessidade: as participantes também identificaram no empreendedorismo possibilidades de independência, criatividade, reconhecimento e construção de novos projetos.

A tensão entre essas dimensões aparece nas falas de Dália e Violeta. Para Dália, ser mulher empreendedora significava “ser independente e criativa”. Violeta, por sua vez, afirmou: “Você pode ser o que quiser, mas faltam recursos”. A primeira fala evidencia a dimensão de agência; a segunda explicita que essa agência depende de condições materiais que não estão distribuídas igualmente.

Ao mesmo tempo, as experiências evidenciam os limites da autonomia. Sete das oito entrevistadas possuíam filhos e conciliavam atividades econômicas com responsabilidades familiares. Durante a pandemia, a necessidade de manter a renda e responder às demandas domésticas tornou mais evidente a sobreposição entre trabalho produtivo e trabalho de cuidado.

Desse modo, a autonomia produzida pelo empreendedorismo mostrou-se parcial e condicionada. As mulheres demonstraram capacidade de iniciativa e reorganização de suas atividades, mas essa agência ocorreu em condições marcadas por informalidade, vulnerabilidade econômica, restrições de acesso a recursos e insuficiência de proteção social. Os resultados permitem compreender o empreendedorismo feminino na Rocinha simultaneamente como consequência e resposta às desigualdades: consequência porque pode emergir diante das limitações do mercado formal de trabalho; resposta porque oferece possibilidades concretas de geração de renda, autonomia e reconhecimento social.

Essa ambivalência permite estabelecer um diálogo com as críticas de Brown (2015) e Fraser (2013) ao feminismo neoliberal. Nessa perspectiva, o discurso do empreendedorismo feminino pode

deslocar para as próprias mulheres a responsabilidade pela geração de renda e pela superação das desigualdades, convertendo a autonomia em responsabilidade individual e obscurecendo os condicionantes estruturais que limitam suas possibilidades de ação. As experiências analisadas permitem, assim, problematizar uma racionalidade neoliberal que enfatiza a capacidade individual de administrar riscos, produzir renda e superar adversidades, mesmo diante de condições marcadas por desigualdades, informalidade e reduzida proteção social.

A partir desses resultados, o empreendedorismo feminino na Rocinha pode ser compreendido simultaneamente como trabalho, autonomia e sobrevivência. A contribuição analítica do estudo está em reconhecer a capacidade de ação das entrevistadas sem atribuir a elas a responsabilidade individual pela superação de vulnerabilidades produzidas socialmente. Da mesma forma, reconhecer a existência de condicionantes estruturais não significa negar as estratégias, escolhas e formas de resistência construídas pelas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou as trajetórias de oito mulheres empreendedoras da Favela da Rocinha durante a pandemia da COVID-19, buscando compreender os impactos da crise sobre suas atividades econômicas e as estratégias mobilizadas para manter ou reconstruir seus empreendimentos. A abordagem qualitativa, por meio do estudo de caso e de entrevistas semiestruturadas, permitiu observar como trabalho, gênero, raça, território e redes de apoio se articulam nas experiências investigadas.

Os resultados indicam que, no contexto pesquisado, o empreendedorismo assumiu predominantemente o caráter de estratégia de sobrevivência econômica. A redução da renda, a interrupção de atividades e as limitações de acesso a oportunidades exigiram das entrevistadas capacidade de adaptação, diversificação e reorganização do trabalho. Empreender, portanto, constituiu uma alternativa concreta diante das dificuldades impostas pela crise, especialmente em um contexto marcado por informalidade, vulnerabilidade econômica e limitada proteção social.

Isso não significa, contudo, que as trajetórias das participantes possam ser reduzidas à necessidade. As narrativas revelam também experiências de autonomia, protagonismo, reconhecimento, criatividade, persistência e resistência. As participantes associaram o

empreendedorismo à independência e à possibilidade de construir alternativas econômicas diante das restrições encontradas. A coexistência dessas dimensões constitui um dos principais achados do estudo: empreender aparece simultaneamente como resposta às desigualdades e como possibilidade concreta de agência.

Outro resultado central diz respeito às redes de apoio. A continuidade das atividades econômicas não dependeu exclusivamente de recursos individuais, mas também de relações familiares, comunitárias e institucionais. Essas redes contribuíram para a circulação de informações, divulgação de produtos e serviços, acesso a oportunidades, apoio material e enfrentamento das dificuldades impostas pela pandemia. A capacidade de adaptação observada entre as entrevistadas, portanto, esteve relacionada não apenas a características individuais, mas à mobilização de recursos sociais e relacionais disponíveis em seus contextos de vida.

A dimensão territorial mostrou-se igualmente relevante. A Rocinha não aparece apenas como localidade dos empreendimentos, mas como espaço de produção de relações, oportunidades e formas de solidariedade. As experiências analisadas indicam que os recursos sociais existentes no território contribuíram para a construção de respostas diante da crise, evidenciando que estratégias de sobrevivência econômica podem ser produzidas por meio de relações de cooperação e pertencimento comunitário.

Os achados permitem afirmar que a autonomia econômica produzida pelo empreendedorismo é parcial e condicionada. Empreender possibilitou gerar renda, reconstruir atividades e ampliar o protagonismo das participantes, mas não eliminou as desigualdades nem substituiu mecanismos de proteção social. A agência das mulheres foi construída dentro de condições sociais concretas que simultaneamente abriram possibilidades e impuseram limites.

A pesquisa permite problematizar a racionalidade neoliberal que tende a individualizar a responsabilidade pela geração de renda e pela administração dos riscos associados ao trabalho. Embora as entrevistadas demonstrem capacidade de agência e construam estratégias concretas para enfrentar a crise, suas possibilidades de autonomia permanecem atravessadas por desigualdades estruturais, informalidade e limitada proteção social. Desse modo, a valorização do empreendedorismo como solução individual para a inserção econômica não pode obscurecer as condições sociais que produzem diferentes possibilidades de escolha e ação.

A principal contribuição deste estudo está, portanto, em deslocar o olhar de uma concepção centrada exclusivamente no desempenho individual para uma compreensão das condições sociais de possibilidade do empreendedorismo feminino periférico. As trajetórias analisadas mostram que empreender, durante a pandemia, significou não apenas manter ou criar negócios, mas construir alternativas de trabalho e sobrevivência por meio da mobilização articulada de recursos econômicos, sociais e comunitários.

Conclui-se, portanto, que o empreendedorismo feminino na Rocinha, no período investigado, constitui um fenômeno marcado pela articulação entre trabalho, sobrevivência, autonomia e resistência. A pesquisa não sustenta a ideia de que empreender rompe, por si só, com as desigualdades. Ao contrário, evidencia que as mulheres constroem formas concretas de agência e autonomia dentro de estruturas sociais que continuam condicionando suas oportunidades, seus recursos e sua proteção. O empreendedorismo, nesse contexto, não deve ser compreendido exclusivamente como escolha individual, mas como uma prática situada, atravessada simultaneamente pela necessidade, pela capacidade de ação e pelas condições sociais que tornam essa ação possível e limitada.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. The forms of capital. In: RICHARDSON, John G. (org.). Handbook of theory and research for the sociology of education. New York: Greenwood Press, 1986. p. 241-258.

BROWN, Wendy. Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution. New York: Zone Books, 2015.

EXAME. Pesquisa mostra a realidade econômica das favelas após um ano de pandemia. Exame, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://exame.com/economia/pesquisa-mostra-a-realidade-economica-das-favelas-apos-um-ano-de-pandemia/>. Acesso em: 01 de setembro 2026.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. Cadernos Pagu, Campinas, n. 41, p. 11-33, jul./dez. 2013.

GLOBAL ENTREPRENEUR MONITOR - GEM. (2019). Relatório Executivo de Empreendedorismo no Brasil. Disponível em: <<https://ibqp.org.br/gem/download/>>. Acesso em: 01 de setembro de 2026.

GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, 2007.

MCCLELLAND, David. A sociedade competitiva: realização e progresso social. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SCHUMPETER, Joseph Alois. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENA EMPRESA - SEBRAE. (2020). Como a pandemia impactou os negócios liderados por mulheres. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empreendedorismofeminino/artigoempreendedorismofeminino/como-a-pandemia-impactou-os-negocios-liderados-por-mulheres,bd514f9e53bd7710VgnVCM100000d701210aRCRD>>. Acesso em: 01 de setembro de 2026.

STANDING, Guy. The Precariat: The New Dangerous Class. London: Bloomsbury Academic, 2014.

VOZ DAS COMUNIDADES. Favela da Rocinha. 2021.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Os dados que fundamentam os resultados deste estudo não estão disponíveis ao público, em razão da preservação da confidencialidade das participantes.

FINANCIAMENTO: Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

CONTRIBUIÇÃO DA AUTORA: A autora foi responsável pela concepção da pesquisa, elaboração do desenho metodológico, coleta e análise dos dados, interpretação dos resultados e redação do manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Declaro que, na elaboração deste artigo, submetido ao SPG17 do ANPOCS, foi utilizada a ferramenta de Inteligência Artificial ChatGPT, exclusivamente para fins de aprimoramento textual, correção gramatical e apoio à tradução do resumo para a língua inglesa. A concepção teórica, os conceitos, as análises e as conclusões apresentadas no texto são de autoria integral da pesquisadora, que assume total responsabilidade pelo conteúdo científico do trabalho.

DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA: A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IUPERJ/UCAM, na ata complementar número 057 na data de 06/02/2026, respeitando os procedimentos éticos aplicáveis à pesquisa com seres humanos.

MINIBIOGRAFIA: Doutoranda em Sociologia Política (PPGSP) pelo IUPERJ/UCAM. Pesquisa empreendedorismo feminino, autonomia econômica, desigualdades de gênero e políticas públicas. Assessora desde 2005 atua como Secretária Parlamentar na Câmara dos Deputados.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.